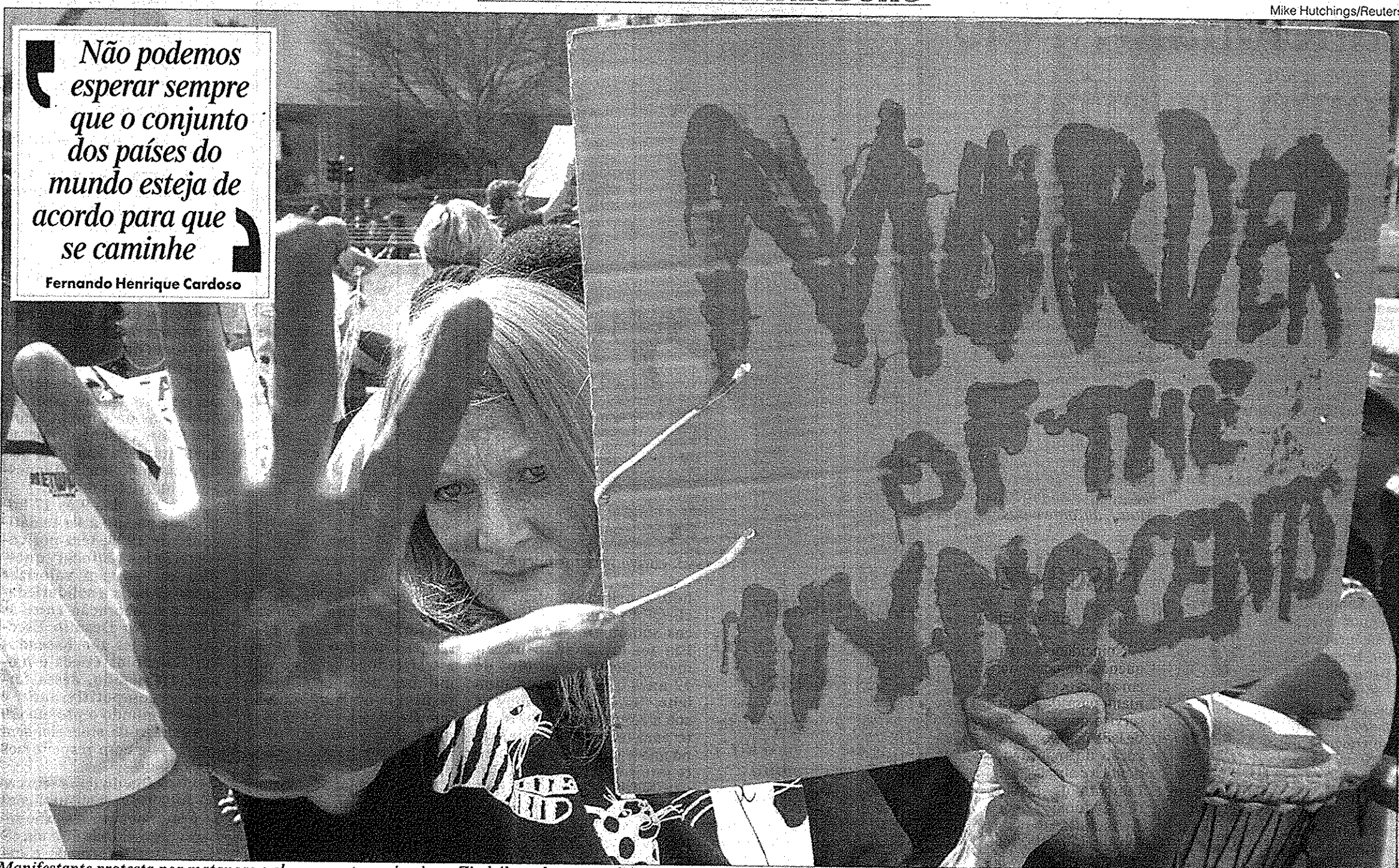


GERAL

CÚPULA DE JOHANNESBURG

Mike Hutchings/Reuters



Manifestante protesta por matanças e abusos contra animais no Zimbábue, durante a Cúpula Mundial de Johannesburg, que termina hoje: bons resultados em alguns temas, frustração em outros

Não podemos esperar sempre que o conjunto dos países do mundo esteja de acordo para que se caminhe

Fernando Henrique Cardoso

FHC quer iniciativas regionais mesmo sem os ricos

Presidente pede que países em desenvolvimento sigam adiante na questão das fontes renováveis

LOURIVAL SANT'ANNA
Enviado especial

JOHANNESBURG – O presidente Fernando Henrique Cardoso admitiu ontem que está frustrado com a rejeição, na Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, da proposta brasileira de estabelecer meta global para o uso de fontes renováveis de energia. Mas afirmou que, tanto nesse tema como no da biodiversidade, os países em desenvolvimento devem seguir adiante com iniciativas regionais, sem esperar pelos ricos para fazer alguma coisa.

“Não importa”, disse Fernando Henrique, referindo-se à recusa de EUA, Japão, Austrália e de países árabes exportadores de petróleo de incluir o conceito de meta global de energia renovável no Plano de Implementação da Agenda 21.

“Outros países apóiam e estão dispostos a fazê-lo”, América Latina e Caribe apóiam a iniciativa brasileira. A União Europeia apresentou proposta – igualmente rejeitada – de meta de 15% até 2010, mas com os países industrializados aumentando em apenas 2% sua fatia, que é hoje de 5,6%, em média. Técnicos dos dois blocos passarão a se reunir depois da cúpula para estudar a possibilidade de unificar as duas propostas.

Fundo – Na reunião, foi formalizada a criação do grupo dos 15 países megadiversos, lançado em fevereiro em Cancún e composto por Brasil, Bolívia, China, Colômbia, Costa Rica, Equador, Filipinas, Índia, Indonésia, Quênia, Malásia, México, Peru, África do Sul e Venezuela. Os chefes de governo do grupo firmaram uma Declaração sobre Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade. E anunciaram a criação de um fundo para proteger a biodiversidade, com um montante inicial de US\$ 1,5 milhão – US\$ 750 mil provenientes do Fundo Mundial para o Meio Ambiente (GEF), vinculado ao Banco Mundial, e o restante em contrapartida de US\$ 50

mil de cada país.

Na opinião do ministro do Meio Ambiente, José Carlos Carvalho, a biodiversidade foi a área em que se alcançaram mais avanços nessa reunião de cúpula. O Plano de Implementação prevê a instituição de mecanismos para quantificar a perda de biodiversidade e fiscalizar o cumprimento, por parte dos países, do compromisso de reduzir o ritmo dessa perda. Por outro lado, estabelece a criação de um regime de repartição dos lucros da exploração da biodiversidade e dos conhecimentos das comunidades tradicionais.

Em seguida, Fernando Henrique participou do lançamento do Programa de Áreas Protegidas da Região Amazônica, um convênio do governo com o Banco Mundial, o GEF e a organização ambientalista WWF, que prevê a aplicação de US\$ 395 milhões em dez anos para a proteção de 500 mil quilômetros quadrados de floresta, o equivalente a 12% do território da Amazônia.

No evento, o presidente do Banco Mundial, James Wolfensohn, agradeceu a Fernando

Henrique pela “liderança que tem demonstrado nessa empreitada”. “A questão do dinheiro tem sido atendida e continuaremos a fazê-lo”, disse Wolfensohn. “Depois de falar, terei de preencher um

cheque, mas o farei com prazer.” Em seu discurso, Fernando Henrique voltou a fazer um balanço da conferência. “A lição que temos que tirar de Johannesburg é que, a despeito de tudo, nós vamos avançando. E que, se alguns países ou blocos não quiserem avançar mais, aqueles que estão dispostos devem fazê-lo.”

“Não podemos esperar sempre que o conjunto dos países do mundo esteja de acordo para que se caminhe”, prosseguiu o presidente, referindo-se ao fato de que, em conferências da ONU como essa, as decisões dependem de consenso. “E à medida que os exemplos forem sendo dados, sobretudo dos países que não são os mais ricos, isso constrange os mais ricos a que tenham um sentimento, se não for de solidariedade, de vergonha, por não terem feito antes o que deviam ter feito.” Fernando Henrique embarcou no início da tarde de volta para o Brasil.

PRINCIPAIS PONTOS ACERTADOS



Água
Cortar pela metade a proporção de pessoas sem acesso a saneamento adequado até 2015



Pesca
Acordo firmado para recuperar áreas de pesca comercial até 2015



Produtos químicos
Concordou-se que, até 2020, os produtos químicos serão feitos e usados de maneira a minimizar o impacto ao ambiente



Saúde
Firmado um acordo sobre patentes no âmbito da OMC, estabelecendo que os países pobres não podem ter impedido o acesso a medicamentos



Energia
Foi feito um acordo para ampliar o uso da energia renovável. Não foram estabelecidos, no entanto, metas ou prazos



Pobreza
Estabelecer um fundo de solidariedade para acabar com a pobreza

Fonte: Reuters



Globalização
O plano reconhece que a globalização tem lados bons e ruins



Comércio
Países ricos reafirmaram que baixarão os subsídios que desequilibram o comércio



Diversidade Biológica
Acordo para cortar de maneira significativa até 2010 a taxa de extinção de animais e plantas raras



Ajuda
Reconhece a necessidade de aumento substancial da ajuda para países pobres. Conclama os países ricos a darem 0,7% de sua renda nacional



Princípio de precaução
Reafirma o princípio para agir na proteção do ambiente



Responsabilidade Comum, mas diferenciada
Reafirma que todos os países precisam tentar salvar o planeta, mas que os países ricos precisam arcar com mais financiamento

Articulado

China e Estônia ratificaram Kyoto. A Rússia, quase

Presidente Putin garante que seu governo vai tomar o mesmo caminho

JOHANNESBURG – China e Estônia se uniram ontem aos países que ratificaram o Protocolo de Kyoto – acordo de proteção do clima do planeta, que prega a redução em 5,2% das emissões de gases causadores do efeito estufa. O presidente russo, Vladimir Putin, anunciou ontem que a Rússia está disposta a dar o mesmo passo. O protocolo entrará em vigor quando for aprovado pela Rússia.

“Temos o propósito de ratificá-lo”, declarou Putin, ainda sem mencionar quando o tema poderá ser tratado no parlamento russo. Para a Rússia, disse, o problema está em como utilizar “seu grande território e suas grandes reservas florestais” para reduzir a contaminação mundial por dióxido de carbono.

O documento, aprovado na reunião sobre clima, em Kyoto, em 1997, entrará em vigor quando for ratificado pelos países industrializados, que em conjunto eram, em 1990, responsáveis por 55% das emissões de gases prejudiciais à atmosfera terrestre.

Os Estados Unidos, maiores produtores de gases do efeito estufa, decidiram em 2001 ignorar os acordos de Kyoto e não ratificar o protocolo, argumentando que as propostas estão em desacordo com os interesses nacionais.

O anúncio da ratificação da China foi feito ontem, durante a Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, em Johannesburg, na África do Sul, pelo primeiro-ministro da China, Zhu Rongji, enquanto o parlamento da Estônia aprovava também, em Tallin, sua adesão ao documento.

Rongji assinalou que o

Protocolo de Kyoto é “um marco efetivo e uma série de regras para a cooperação internacional na luta contra a mudança climática” e exortou os países industrializados a cumpri-lo, para que o acordo possa entrar em vigor ainda neste ano. Ele sustenta que seu país realizou “enormes esforços” quanto à eficiência energética, o que se traduziu numa redução das emissões de gases.

Por outro lado, o ministro alemão do Meio Ambiente, Juergen Trittin, manifestou em Johannesburg sua satisfação pelo anúncio feito ontem pelo primeiro-ministro canadense, Jean Chrétien, que apresentará o Protocolo de Kyoto ao parlamento de Otawa, para sua ratificação. “Este é um sinal que influirá também na opinião do vizinho Estados Unidos”, disse Trittin.

As Cúpulas da Terra se tornaram excessivamente arrastadas e ineficientes para

seguir algo objetivo e deveriam ser substituídas por fóruns regionais, disse ontem o homem que as idealizou, o diplomata sueco Sverker Astrom. Segundo ele, “as grandes

conferências mundiais já fizeram seu papel e hoje são caras e produzem menos”. Astrom, de 86 anos, foi o idealizador da Cúpula da Terra da ONU, em 1972, e da Rio-92.

Prêmio – Os ‘Cinco Sentidos do Desenvolvimento Sustentável’, espaço brasileiro na Rio + 10, foi premiado como o melhor estande de grande porte na exposição paralela à cúpula. A criação do espaço é uma iniciativa do Ministério do Meio Ambiente e reúne importantes práticas de desenvolvimento sustentável do Brasil. O prêmio foi oferecido pela organização do Ubuntu Exhibition, no Ubuntu Village, a aldeia global da Cúpula Mundial de Desenvolvimento Sustentável. (Reuters e DPA)

ANÚNCIO CHINÊS FOI FEITO ONTEM